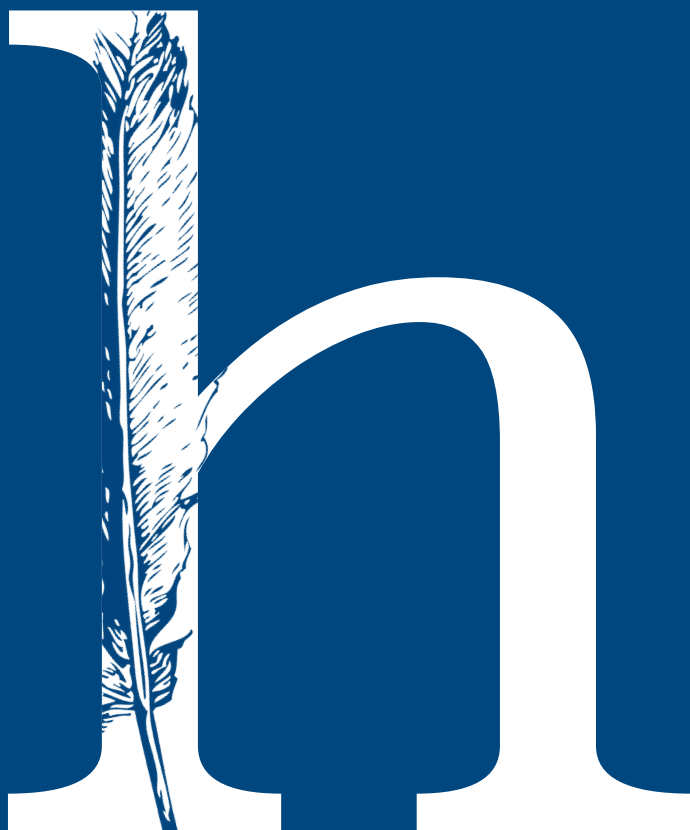




umanitas

70

NANCY, Claire, *Euripide et le parti des femmes*, 176 pp., Paris, Editions Rue d'Ulm, 2016, ISBN: 978-2-7288-0553-2

Recensão recebida a 18-04-2017 e aprovada a 31-05-2017

Munida de um bom conhecimento, teórico e prático, do teatro grego, Claire Nancy publicou um estudo interessante focado num sempre discutido tema: a preferência do teatro de Eurípides pelo feminino. No seu conjunto, o volume resulta da inclusão, revista e actualizada, de reflexões levadas a cabo pela autora em diferentes circunstâncias, que agora ganham nova vida se reunidas sob um mesmo título e uma mesma problemática. A perspetiva desde logo definida nas considerações iniciais é a da importância do espaço e voz dados pelo poeta a uma componente social que a democracia persistia em manter arredada para um segundo plano - as mulheres -, através da simbologia do mito. *Medeia*, *Hécuba*, *Troianas*, *Fenícias*, *Ifigénia em Áulide* e *Bacantes* são os títulos aqui retomados, em função de experiências concretas da autora, quer através da escrita, quer de contactos com a encenação, revelando um amadurecimento sério da informação sobre o assunto.

Depois de, no capítulo que dá título ao livro - *Euripide et le parti des femmes* -, ter reunido, com base em referências culturais e literárias, um conjunto de argumentos que testemunham a misoginia reinante na Atenas do século v a. C., Nancy procura situar Eurípides nesse contexto, com tudo de ambíguo que por natureza há nas posições, em geral controversas e flutuantes, do poeta - neste caso, do Eurípides misógino até ao defensor da experiência de vida e comportamentos femininos. Não deixaria de me parecer razoável que a autora pudesse ter valorizado, perante o rol de críticas à mulher que identifica, em geral, no teatro trágico, alguns testemunhos em sua defesa (porque não mencionar Atossa por contraste com Clitemnestra, Ismena por contraste com Antígona, Crisótemis por contraste com Eletra, por exemplo, diversificando comportamentos e personalidades?), de modo a que o autor das Medeias, das Hécubas ou das Ifigénias – sofredoras ou virtuosas – não aparecesse como um caso isolado. Esta é uma questão em que a controvérsia dos testemunhos sugere a necessidade de multiplicar ou flexibilizar os pontos de vista. De toda a forma, este capítulo introdutório revela uma boa síntese dos elementos disponíveis, consideradas as peças conservadas e as fragmentárias.

É patente a assimetria que a avaliação de cada peça produz no conjunto do volume, 24 páginas dedicadas a *Medeia* e 33 a *Bacantes*, perante apenas

4 relativas a *Troianas*, por exemplo. Percebe-se facilmente, pela informação dada no início do livro, que estas assimetrias resultam da intenção anterior com que os textos agora coligidos foram produzidos. Assim, o capítulo sobre *Medeia* resulta da articulação de vários textos apresentados pela autora em diferentes ocasiões, enquanto o dedicado a *Troianas* se retira de uma breve introdução para o *Théâtre complet* de Eurípides, editado por Monique Trédé. No entanto, a coesão interna do volume talvez recomendasse uma revisão de cada texto a incluir, de modo a que o efeito final resultasse mais uniforme e equilibrado.

Em cada capítulo, a autora tem a preocupação, muito positiva, de introduzir uma informação diacrónica sobre a utilização do mito em causa e de sublinhar aspetos de tradição que vão influenciando as criações de Eurípides. Por outro lado, procura abrir alguma pista – neste caso um pouco dececionante, porque não se concretiza em exemplos – para a maior ou menor receção que a produção em análise veio a ter. Está excluída da apresentação do livro qualquer nota de rodapé, que contribuísse com alguma informação complementar ou referência bibliográfica. Se, por exemplo (p. 37), a alusão à multiplicidade de formas de receção do tema de *Medeia* suscita curiosidades – “on compte plus de deux cent cinquantes oeuvres d’art qui la prennent pour sujet, qu’il s’agisse de tragédies, d’opéras, de romans, de poèmes, de représentations plastiques ou de films” –, não há qualquer informação complementar que concretize esta síntese ou remeta para bibliografia informativa.

Segue-se, na generalidade dos capítulos, uma análise de tópicos bem identificados, que apontam para a problemática feminina, sem nunca se perder de vista a sua contextualização na dinâmica geral de cada peça, e documentados com citações mais ou menos longas e bem selecionadas dos textos convenientes à sua ilustração. Parecem-me particularmente interessantes pela focagem no coro e nas suas potencialidades dramáticas, bem como pela influência de uma visão cénica da peça, as páginas dedicadas a *Fenícias* e *Ifigénia em Áulide*.

A bibliografia citada no final – Textes modernes cités – é manifestamente escassa e, salvo muito raras exceções, restrita a títulos de estudiosos franceses. Este é certamente um ponto débil do volume, dada a abundância de excelentes estudos fora deste âmbito restrito da produção francesa e tida em conta a enorme controvérsia a que este assunto tem sido sujeito.

Em conclusão, diríamos que, no seu conjunto, este livro contém interessantes elementos de análise das peças de Eurípides, em termos gerais

e sobre alguns casos em particular. Merece referência a apresentação gráfica, cuidada e sugestiva. Mas alguma amplitude de informação complementar e bibliográfica poderiam tê-lo, sem dúvida, enriquecido mais ainda.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

fanp13@gmail.com

orcid.org/0000-0001-5356-8386

https://doi.org/10.14195/2183-1718_70_11

VAN NOORDEN, Helen, *Playing Hesiod: The ‘Myth of the Races’ in Classical Antiquity*, 360 pp., Cambridge University Press, 2015, ISBN: 978-0-521-76081-2.

Recensão recebida a 28-05-2017 e aprovada a 12-06-2017

Os estudos sobre a poesia de Hesíodo têm revelado, nos últimos anos, uma vitalidade assinalável. Recordemos o *Brill’s Companion to Hesiod* (2009), editado por F. Montanari, A. Rengakos e C. Tsagalis; no ano seguinte, H. Koning publicou o livro *Hesiod: The Other Poet* e G. Boys-Stones e J. Haubold editaram o volume *Plato and Hesiod*; em 2013, I. Ziogas publicou o livro intitulado *Ovid and Hesiod* e, no ano seguinte, saiu o volume *Hesiodic Voices* de R. Hunter; em 2015, além do livro em epígrafe, foi publicado o livro *Hesiod’s Works and Days: How to Teach Self-Sufficiency* de L. G. Canevaro; já em 2016, a revista *SemRom* dedicou o seu número ao tema *Esiodo il corpus Hesiodeum. Problemi aperti e nuove prospettive*, com organização de A. Ercolani e L. Sbardella. Desta forma, fica demonstrado o interesse que a poesia de Hesíodo continua a suscitar entre os filólogos clássicos.

Ao longo de seis capítulos (1. “Approaching Hesiod”; 2. “Embedding the races in Hesiod”; 3. “‘Hesiod’s races and your own’: Plato’s ‘Hesiodic’ projects”; 4. “‘They called her justice...’: reading Hesiod in Aratus’ *Phaenomena*”; 5. “Hesiod *ad mea tempora* in Ovid’s *Metamorphoses*”; 6. “*Saeculo premimur graui*: re-performing ‘Hesiod’ in Rome”), Van Noorden não só procura fazer uma análise aprofundada da versão hesiódica do conhecido ‘mito das raças’ (*Trabalhos e Dias* 106-201), numa perspectiva intratextual e tendo em conta o contexto literário da época, mas também se interessa pela